



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO –
CAMPUS SERRINHA

ELBIA SANTOS CUNHA

**A CADEIA PRODUTIVA DO SISAL: LIMITES E POSSIBILIDADE PARA OS
PRODUTORES E DONOS DE MOTOR.**

SERRINHA - BA

2023

ELBIA SANTOS CUNHA

**A CADEIA PRODUTIVA DO SISAL: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA OS
PRODUTORES E DONOS DE MOTOR.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia Baiano-
Campus Serrinha, como requisito parcial
para a obtenção do título de Tecnólogo em
Gestão de Cooperativas.

Orientador(a): Dr. Heron Ferreira Souza

SERRINHA - BA

2023

Cunha, Elbia Santos

S729c A cadeia produtiva do sisal: limites e possibilidade para produtores e donos de motor /
Elbia Santos Cunha;.- Serrinha, Ba, 2023.
50 p.: il.

Inclui bibliografia.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia em Gestão
de Cooperativas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
Baiano – Campus Serrinha.

Orientador: Prof. DSc. Heron Ferreira Souza

1.Cadeia produtiva. 2. Sisal. 3. Associativismo.
4. Cooperativismo. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. II.
Souza, Heron Ferreira (Orient.). III. Título.

CDU: 582.572.43

ELBIA SANTOS CUNHA

**A CADEIA PRODUTIVA DO SISAL: LIMITES E POSSIBILIDADES
PARA OS PRODUTORES E DONOS DE MOTOR.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus* Serrinha como requisito parcial para obtenção do Título de Tecnólogo em Gestão de Cooperativas.

APROVADO EM26 /05 /2023

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
ANA MARIA ANUNCIACAO DA SILVA
Data: 13/06/2023 13:15:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ma. Ana Maria Anunciação da Silva
Sec. Mun. de Educação de Ichu e Núcleo de Agroecologia Abelmanto –
IFBaiano



Documento assinado digitalmente
MARCIA ELIANA MARTINS
Data: 13/06/2023 11:20:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Márcia Eliana Martins
Instituto Federal Baiano – IFBaiano



Documento assinado digitalmente
HERON FERREIRA SOUZA
Data: 12/06/2023 15:00:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Heron Ferreira Souza
Instituto Federal Baiano - IFBaiano
Orientador

SERRINHA - BA

2023

Dedico esse trabalho aos meus familiares:

Pai, mãe, irmãos e sobrinho.

Em especial a mim, por sustentar esta pesquisa em momentos de ansiedade e tristeza

AGRADECIMENTOS

A Deus por permitir que meu sonho de ingressar em uma universidade se tornasse realidade e por ter me mantido de pé diante obstáculos enfrentados no decorrer do curso.

Agradeço a minha mãe Edinuzia Santos Cunha por ser meu pilar e que tanto admiro.

Agradeço ao meu pai Edilsio da Cunha por depositar sua admiração em mim, e incentivos.

Aos meus irmãos Edenílson, Velidiana e Welton que de forma direta participaram do meu desenvolvimento acadêmico.

Henrique e Maria Izabel, meus sobrinhos. Ambos “compreenderam” a minha ausência como irmã e tia enquanto me dedicava aos estudos.

Amigos e colegas que conheci durante esse processo de aprendizagem que de forma direta e indireta fez parte desse percurso. Em especial Alisson Santos e Edna Santana.

Aos professores do IF Baiano Campus Serrinha, e com carinho ao orientador Dr. Heron Ferreira Souza e a minha tutora Márcia Eliana Martins.

Finalizo agradecendo em especial ao meu irmão Edenilson Cunha e Hilton Oliveira que se fizeram presentes no meu deslocamento da zona rural à sede (irmão), e de Retirolândia a Serrinha/Ba (Hilton). Juntos se dedicaram em me levar ao Instituto com total responsabilidade e segurança.

Apesar de algumas pedras no caminho e, atritos, sou grata ao meu Jeová Deus. Gratidão.

Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias.

(Paulo Freire)

CUNHA, Elbia Santos. **A cadeia produtiva do Sisal: limites e possibilidades para os produtores e donos de motor.** 38 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Gestão de Cooperativas) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus Serrinha, Serrinha, BA, 2023.*

Resumo

Este trabalho teve como objetivo analisar o processo de estruturação da cadeia produtiva do Sisal, estabelecendo os limites e possibilidades para os produtores e donos de motores. Foi adotada a metodologia da pesquisa bibliográfica, selecionando pesquisas acadêmicas sobre o tema. A partir desse levantamento foi abordada a contextualização histórica e política da cadeia produtiva do Sisal, caracterizando como ela está organizada no Território do Sisal e assim identificando os limites e possibilidades para o desenvolvimento de cooperativas de produção ligadas aos produtores e donos de motores. Foram identificados como limites da cadeia produtiva do sisal: necessidade de melhoria no aproveitamento da fibra, baixa tecnologia etc. Colocando os desafios de aumentar o diálogo com os produtores e trabalhadores do ramo sisaleiro e estruturação da comercialização e distribuição desta atividade entre os produtores. As possibilidades se apresentam no incremento das tecnologias e estudos voltados à cadeia produtiva, além do fortalecimento das ações associativistas e cooperativistas no território. A APAEB-Valente/BA é a única representante associativa e com características peculiares de cooperativa no âmbito da cadeia produtiva, o que evidencia em alguma medida sua centralidade e a necessidade de emergência de outras organizações sociais nesse setor para atuar de forma articulada e potencializar o cultivo da planta até seu processo de transformação final.

Palavras-Chave: Cadeia produtiva. Sisal. Associativismo. Cooperativismo.

CUNHA, Elbia Santos. **The Sisal Production Chain:** limits and possibilities for producers and engine owners. 38 p. Work Course Conclusion (Technologist in Cooperatives Management) Federal Institute of Education, Science and Technology Baiano - *Campus Serrinha*, Serrinha, BA, 2023.

Abstract

This work aimed to analyze the process of structuring the production chain of Sisal, establishing the limits and possibilities for producers and engine owners. The methodology of bibliographic research was adopted, selecting academic research on the subject. From this survey, the historical and political context of the Sisal production chain was approached, characterizing how it is organized in the Sisal Territory and thus identifying the limits and possibilities for the development of production cooperatives linked to producers and engine owners. Limitations of the sisal production chain were identified: need to improve the use of fiber, low technology, etc. Placing the challenges of increasing dialogue with producers and workers in the sisal sector and structuring the commercialization and distribution of this activity among producers. Possibilities are presented in the increase of technologies and studies aimed at the productive chain, in addition to the strengthening of associative and cooperative actions in the territory. APAEB-Valente/Ba is the only associative representative and with peculiar characteristics of a cooperative within the production chain, which demonstrates to some extent its centrality and the need for the emergence of other social organizations in this sector to act in articulation with APAEB and enhance the cultivation of the plant until its final transformation process.

Keywords: Productive chain. Sisal. Associativism. Cooperativism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Linha do tempo – Introdução do Sisal no Território.	29
Figura 2: Delimitação do Território do Sisal-BA	30
Figura 3: Novo Ajuste Territorial	31
Figura 4 – Sisal (Agave)	36
Figura 5: Corte das folhas	36
Figura 6: Motor do Sisal	37
Figura 7: O transporte das palhas até o motor	37
Figura 8: Agente impactante da Cadeia produtiva do Sisal	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados de cooperativas do Brasil e o segmento do primeiro ramo (2021)	22
Quadro 2 – Modelo da cadeia produtiva	23
Quadro 3 - Descritivos dos textos selecionados	25
Quadro 4 – Artigos com base no tema	26
Quadro 5 – Modelo de dados para o capítulo 6	28
Quadro 6: Etapas da produção do sisal	34
Quadro 7: Divisão e função das atividades da produção do desfibramento- campo	35
Quadro 8: Limites identificados.	38
Quadro 9: Possibilidades identificadas.	39
Quadro 10: Possibilidades identificadas.	39

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	13
1.1 – CAMINHOS ENTRECRUZADOS: DA VIDA VIVIDA AO MOVIMENTO DE PESQUISA	13
1.2 - O encontro com o Cooperativismo: o curso de Gestão de Cooperativas	16
2 OBJETIVOS:.....	17
2.1 GERAL:	17
2. 2 ESPECÍFICOS:.....	17
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
3.1 Associativismo	18
3.2 Cooperativismo	19
3.3 Cadeia produtiva	23
4. METODOLOGIA	25
5 – ANÁLISE DE DADOS	30
5.1. Aspectos Históricos	33
5.2 Cadeia produtiva do sisal.....	36
5.3 Limites e possibilidade para os produtores e donos de motor de Sisal	39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS	49

1 - INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso (TCC) de Gestão de Cooperativas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano), tendo em vista o meu memorial, acredito que seja uma tarefa difícil ao reviver o passado e conceituar no presente. Silva (2010) afirma:

Mas, sim, fundada numa temporalidade engendrada na memória que, plasticamente, recorta o passado numa interface com o presente. Ao (re)interpretar o passado ou ao (re)vivê-lo pelo discurso, sob a ótica do presente ou em função de projetos futuros, o sujeito que aí se mostra é afeito a desdobramentos (SILVA, 2010, p. 609).

É por meio dele que revelo a motivação pela qual teve interesse na pesquisa, buscando memórias e revivê-las a partir de fatos. Desde muito nova a realidade vivida me inquietava e indignava, mexia com meus pensamentos. À medida que fui crescendo e me envolvendo mais com o trabalho da família, acentuaram-se as inquietações sobre o lugar dos produtores e donos de motores na cadeia produtiva do sisal. Portanto, abordarei neste trabalho a relação das minhas vivências no campo, meio rural, até a graduação em que pude ter a oportunidade de falar sobre as experiências vividas dos meus familiares, meu encanto pelo trabalhador rural, que são pessoas guerreiras e cheias de histórias marcantes, sofridas que, porém, traduzem a resistência de homens e mulheres no semiárido para reproduzirem material e imaterialmente a vida e problematizar, através da pesquisa, os limites e possibilidades aos produtores e donos de motor no âmbito da cadeia produtiva do sisal, no Território do Sisal, Bahia.

1.1 – CAMINHOS ENTRECRUZADOS: DA VIDA VIVIDA AO MOVIMENTO DE PESQUISA

Sou Elbia Santos Cunha, vou relatar aqui meu processo de vida: pais e família. Não poderia deixar de citar minha família neste trabalho, que são pessoas de importância em relação a escolha do tema. Sou filha de Edinuzia Santos Cunha e Edilsio da Cunha. Tenho 3 irmãos, sendo 2 homens, 1 mulher e 4 sobrinhos.

{...} Meu saudoso pai, atualmente se encontra sob os cuidados da minha mãe, por consequência de um Acidente Vascular Cerebral (AVC) no ano de 2017. Um

acontecimento muito doloroso para nossa família, mas é um fato que não posso deixar de dizer. Minha amada mãe é uma mulher de garra e cheia de coragem, falar dela é inspirador, pois a mesma além de cuidar do meu pai, seu esposo, cuida de mim e de toda família com muito amor.

Venho de uma família simples e humilde. Cresci na zona rural, chamada Mandapolis (Coreia), em Retirolândia/BA. Um lugar legal de viver. Minha família sempre viveu de trabalho no campo, em lavouras do Sisal, etc. Trabalho braçal mesmo, com muito esforço físico. O trabalho com a terra nunca foi fácil, requer muita dedicação e, nem só dedicação, como também disposição. Sendo um ato de sobreviver. Meus pais, tios (as), primos (as) a partir de suas infâncias trabalhavam e trabalham no espaço rural, ajudando a família.

Minha mãe muito nova ingressou na cadeia produtiva do sisal, ajudava seu pai no motor de sisal (máquina desfibriladora também conhecida como paraibanas). Uma criança com responsabilidades de um adulto, ela não conseguiu terminar seus estudos como, também, seus irmãos. Ambos já chegavam em casa cansados e sem psicológico para estudos e apenas aprendendo a fazer suas assinaturas, que na época era mais importante em saber. Portanto, impossibilitando sua escolarização.

Por ser uma filha ouvinte dos relatos da juventude dos meus pais, a minha mãe revelou a mim que eram tempos difíceis para estudar, sem condições necessárias para o material escolar e a distância da sede da escola, que era de difícil acesso no tempo, apenas se dedicando exclusivamente ao trabalho, que era o meio de garantir a renda familiar. Meu avô por ser o dono do motor de Sisal não remunerava meus tios e muito menos a minha mãe, criando uma revolta. Trabalhar e não receber. O trabalho era para torná-los independentes, mas, por questões familiares, acabavam se tornando dependentes daquela situação.

Antigamente, tinha muito de os filhos ajudarem nos trabalhos da roça para manter a família, por ter uma quantidade grande de filhos. Porém, no caso da minha mãe, era isto também, mas a questão era seu pai, meu avô, segurar o dinheiro e não dando aos filhos. Na época, a família deles tinham condições necessárias de não passar por necessidades, pois tinha outras fontes de renda, como uma mercearia. Todavia, alguns parentes não tinham as condições como eles tinham.

Pelo fato, a situação de sobrevivência na época era de extrema revolta na vida das pessoas, elas não só precisavam do prato de comida, como também, oportunidade de estudos, lazer e saúde.

Meu pai e minha mãe tiveram um fato diferente sobre a temática abordada.

Então, meu pai trabalhou por mais de 8 anos no motor de sisal, no qual saiu sem nenhuma perspectiva de vida e, sem pelo menos o básico {...}. Com poucas condições financeiras ele viajou para a capital em busca de emprego na área de construção civil que na época era o auge. Passaram-se 8 anos e novamente voltou ao trabalho de motor de sisal. Mas, dessa vez, com minha mãe para ajudar, já que os filhos mais velhos estavam crescidos e bem orientados a estudar ao invés de trabalhar. Sendo assim, os 4 (quatro) filhos estudavam pela manhã e pela tarde, os 2 mais velhos frequentavam o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) depois da escola, enquanto eu e meu irmão íamos junto com minha mãe para o motor de Sisal. Lembro-me que eram momentos divertidos, cheio de brincadeiras, pescas e correndo pela lavoura de sisal. Fui uma criança feliz.

Apesar do trabalho constante dos meus pais, cansaço físico, trabalhavam para termos o essencial, não tinham dinheiro de sobra. Meu pai era lavrador e por muito tempo não nos deixou faltar o alimento {...}, mas em consequência disto não cuidava de sua saúde, por falta de condições financeiras, tinha a escolha em deixar os filhos sem alimento ou se cuidar. Isto são coisas que ainda acontecem em vários lares.

{...} Quando cito meu pai, sinto uma tremenda angústia, uma indignação. Antes do meu pai adoecer, com seus 53 anos e ficar incapaz de fazer suas atividades, o mesmo já havia alguns dias sem poder executar sua função na roça, roçador, trabalho braçal bastante pesado. Mesmo sem poder, tinha que ir. {...} Ele desmaiava na roça e a gente, esposa e filhos não imaginava, ele não queria nos preocupar. No mesmo ano, 2017, ele já não trabalhava por esses motivos. Porém, como um trabalhador rural vai tentar se aposentar ou solicitar afastamento ocasionado pelo trabalho? Muitas coisas em relação a isto deixam a desejar. Meu pai tinha todas as provas de um cidadão trabalhador rural, mesmo assim o auxílio veio negado em todas.

{...} Foram momentos infelizes. Um pai de família que tinha sua independência, passou a depender de seu filho. Gratidão ao meu irmão por tanto amor e cuidado com nosso pai e a nossa família. Antes de ingressar em uma empresa de Sisal, ele trabalhava no campo, Motor de Sisal. Graças a Deus, a minha família teve o apoio do meu irmão e quem não teve/tem? {...} Tornando-se vulnerável.

Se bem que, o ser humano/pessoas não só vive de alimento, precisamos de lazer, moradia digna, educação de qualidade etc.

Então a minha relação com o motor de Sisal é formada por uma junção de amor e indignação. Amor por ser um meio de sobrevivência e a indignação pelos grandes atravessadores que lucram muito, por ser um produto (fibra) barato, com baixo custo, preço; sem organizações que possam organizar esse público-alvo, falta de assistência etc. São as coisas simples que fazem a total diferença.

1.2 - O encontro com o Cooperativismo: o curso de Gestão de Cooperativas

O curso Tecnologia em Gestão de Cooperativas foi de grande importância para mim, pois por meio dele fui capaz de ter um olhar crítico e focado sobre algumas situações, seja no âmbito pessoal e/ou profissional. A proposta do curso é robusta para o contexto do Território do Sisal, pois há organizações a se aperfeiçoar em relação ao associativismo e cooperativismo; sobretudo, por este ser um local rico no associativismo, mas que ainda existem algumas lacunas, a exemplo da organização dos produtores e donos de motor.

São um grupo de pessoas, pais de família, que não faz parte de nenhuma ação cooperativista e quando faz é artificialmente. Utilizo esta expressão “artificial” por observar que, quando se associa em algumas organizações, geralmente, o indivíduo não tem participação e presença ativa nas tomadas de decisões. Só utilizando este método quando chegar o período de aposentadoria.

Há uma diferença nas condições de trabalho para a aposentadoria entre o associado-agricultor familiar e o trabalhador da cadeia produtiva. Grande parte dos trabalhadores da cadeia produtiva do sisal não tem “terra”, o que impacta negativamente no momento da aposentadoria, impossibilitando de dar entrada no benefício e fazendo com que trabalhem mais tempo, mesmo sem condições físicas e de saúde, para poder ter o sustento para sobreviver. Diferente dos associados – agricultores familiares que por meio da participação em associações e por ter terras podem comprovar sua condição de trabalhador rural.

Então, por meio da graduação tive uma visão de alinhamento do setor sisaleiro com o associativismo e o cooperativismo, tendo como escopo as transformações no desenvolvimento sustentável, econômico e social, impactando positivamente a vida das pessoas. O cooperativismo é isto, um grupo de pessoas que compartilham de um mesmo problema e com objetivos de buscar soluções viáveis. Valorizando o trabalho humano e o ser humano como principal instrumento para a transformação social. Mas,

também, me levou a inquietação sobre quais os limites e possibilidades da inserção dos produtores e donos de motor na cadeia produtiva, mesmo no contexto do associativismo e cooperativismo.

Portanto, este trabalho tem como recorte a cadeia produtiva do sisal e como essa cadeia está organizada. Como os trabalhadores do motor de sisal se organizam e estão organizados, pois há muitas tensões nesse setor, como: fiscalização, mudanças de preço da fibra etc.

O sisal é riquíssimo e ameaçador (nas mãos de grandes atravessadores e, é o que acontece) para o desenvolvimento socioeconômico e sustentável das localidades e para isso é necessário ter a valorização, seja no âmbito governamental como também entre as pessoas que ali estão inseridas, agregando valor à cadeia produtiva. Por fim, este trabalho se propõe a responder quais os limites e possibilidades apresentados para os produtores e donos de motor no contexto histórico de organização da cadeia produtiva do sisal?

2 OBJETIVOS:

2.1 GERAL:

Analisar o processo de estruturação da cadeia produtiva do Sisal estabelecendo os limites e possibilidades para os produtores e donos de motores.

2. 2 ESPECÍFICOS:

- Contextualização histórica e política da estruturação da cadeia produtiva do sisal.
- Caracterizar como a cadeia produtiva do sisal está organizada no Território do Sisal
- Identificar limites e possibilidades para o desenvolvimento de cooperativas de produção ligadas aos produtores e donos de motores.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção serão trabalhados os temas associativismo, cooperativismo e cadeia produtiva.

3.1 Associativismo

No Novo Dicionário da Língua Portuguesa - Aurélio, a palavra associativismo possui o seguinte significado: “ideologia ou instrumento por meio da qual trabalhadores e associados que se juntam para lutar pelos seus interesses, direitos etc, normalmente organizados em sindicatos, ou outras instituições semelhantes”(Associativismo, 2023).

O conceito de associativismo tem como papel de seguir em diferentes segmentos e objetivos que apresentam recursos e condições, mas, que utilizam o mesmo princípio da ajuda mútua. Segundo Nicoletti (2017):

desempenham atividades de representação territorial da população, como no caso das associações de moradores; ou em causas e temas que recobrem questões e setores mais amplos, como as associações feministas, de negros, ambientalistas etc.; defendem os interesses dos seus associados, como clubes e sindicatos; e, ainda, atendem pessoas carentes e excluídas, como as entidades assistenciais e filantrópicas, para darmos apenas alguns dos inúmeros exemplos da pluralidade desse fenômeno. (NICOLETTI, 2017, p. 366)

Neste sentido, o associativismo é uma relação estável de democracia que ajuda a definir uma relação mais igualitária e a ação voluntária que conceitua a sua característica de associação.

Desta maneira, as associações fazem um papel de desenvolvimento de novas reproduções culturais e assim formam tradições que serão valorizadas dentro da comunidade, tendo como princípios a solidariedade e a democracia. E, surgindo pela motivação de necessidades de pensar alternativas para o âmbito social, econômico, cultural e político (NICOLETTI, 2017)

A ação da solidariedade se aproxima da justiça, assim criando vínculo de apoio mútuo com o grupo beneficente, sendo contribuinte para a distribuição de bens sociais justos. A justiça social que vem através do fortalecimento da solidariedade

contribuindo para o conjunto, assim, conscientizando cada indivíduo que tenha uma relação de pertencimento, da partilha e de ter a corresponsabilidade para com os membros do grupo, expressando um sentimento solidário por meio da cooperação e melhorando as condições de vida de cada indivíduo e o local que ele está situado.

Desta forma, o associativismo é uma forma de organização que tem como objetivo beneficiar seu associado, seu tipo de segmento é associativo e sem fins lucrativos, mas, com personalidade jurídica, composta por um grupo de pessoas que se organizam para defender seus interesses em comum, buscando reduzir as desigualdades sociais e políticas com o estímulo da participação associativa que possa pensar e construir o bem-estar coletivo. E, de maneira eficiente, conduzir uma igualdade política entre a sociedade civil.

A sua capacidade de valorizar o âmbito social é de suma importância para superar a desigualdade política, sendo importante a distribuição de recursos necessários para a redução da vulnerabilidade social. A ação coletiva pode, em alguma medida, conduzir à distribuição de recursos políticos, econômicos e sociais (KERSTENETZKY, 2003).

3.2 Cooperativismo

O cooperativismo surgiu em Rochdale-Manchester, no interior da Inglaterra, em 1844; associação que, mais tarde, seria chamada de cooperativa. Este empreendimento foi organizado por um grupo de trabalhadores, com 27 homens e 1 mulher, totalizando 28 pessoas, em um período de dificuldades resultantes da Revolução Industrial, em que os trabalhadores precisavam lidar com consequências como baixos salários, carga horária de trabalho superior a 12 horas diárias, condições degradantes de trabalho e desemprego em grande escala.

O início da Revolução Industrial foi marcada por grandes transformações no campo e na cidade. À medida que as manufaturas foram sendo substituídas por maquinofaturas, as atividades fabris passaram a depender cada vez menos da proximidade de fontes de energia e se concentravam nas cidades. Por outro lado, o campo passou a ser marcado por concentração de terras, uso de máquinas e plantation como estratégias de expulsão dos camponeses para serem exército industrial reserva, cujas condições de trabalho e vida na cidade eram marcadas por péssimas condições, falta de direitos básicos e superexploração. (FRANTZ, 2012)

Uma época em que estava acontecendo coisas muito rápidas, principalmente para o meio rural desse período, pois as pessoas que antes faziam seu trabalho manual vivenciavam o avanço das novas tecnologias substituindo a força do trabalho humana por máquinas, aumentando as situações de vulnerabilidade social. Estas transformações, por um lado, foram necessárias para aumentar a produtividade nas fábricas e do ponto de vista do avanço da civilização também representavam que as tecnologias (máquinas) eram a resposta das necessidades humanas, mas as formas que foram e são utilizadas geraram profundas desigualdades sociais. Por outro lado, o cooperativismo caracterizava-se enquanto resistência dos trabalhadores aos impactos negativos do capitalismo industrial nascente (SINGER, 2002).

Uma alternativa oposta ao capitalismo da época, uma inovação social capaz de enfrentar o caos social, a exploração e a falta de valorização dos trabalhadores, tendo o papel de resgatar a dignidade de cada trabalhador(a), econômica e socialmente. Dessa maneira, constituíram o armazém para que suprisse a necessidade daquele momento, utilizando os métodos simples que são as ações de solidariedade, equidade e a ajuda mútua, buscando o crescimento de cada família.

Foi nesse contexto que nasceu o cooperativismo, pela força de vontade de cada associado. Portanto, o cooperativismo é uma forma de se organizar por meio da união de pessoas, com objetivo de unir forças para atingir desenvolvimento financeiro, econômico e social” (INSTITUTO ECOLÓGICA, 2007). Assim, agregando valor à comunidade em que o grupo pertence e atingindo de forma personalizada cada cooperado.

Na época de 1902, no Brasil, surgiram as primeiras ações cooperativistas, na cidade de Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul- RS, com o padre suíço, Theodor Amstad. Ressalto que o surgimento do cooperativismo no território brasileiro não tem uma data específica, uma vez que no estado São Paulo, por exemplo, teve essa iniciativa, mas, sem sucesso, pois não despertou interesse nas pessoas. Sem contar que os governantes do período não apoiavam. Todavia, um aspecto importante na História do Cooperativismo no Brasil, pode ser referido na Lei nº 5.764/71, 16 de dezembro, que diz no capítulo I do Art. 2º: “As atribuições do Governo Federal na coordenação e no estímulo às atividades de cooperativismo no território nacional serão exercidas na forma desta Lei e das normas que surgirem em sua decorrência”.

Nesse sentido, as ações de formalização se deram a partir da lei e as atribuições governamentais foram sendo estipuladas com o passar dos anos (RODNEY, 2015; SALANK, 2007).

Em 02 de Dezembro de 1969, surgiu a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e no ano seguinte foi registrada em cartório. A entidade tem como objetivo representar as cooperativas nacionais. No entanto, a OCB não é a única representação formal das cooperativas brasileiras.

O sistema da OCB se entende a partir de cooperativas como forma de empreendimento econômico coletivo que é baseado no ser humano e não no capital (dinheiro). Dessa forma, torna o cooperado pertencente ao empreendimento. (SILVA, 2006)

E dessa forma, através do cooperativismo, o sistema OCB é dividido em ramos e sendo de grande importância para o desenvolvimento das organizações deste segmento. Sendo eles:

1. *Ramo Agropecuário*
2. *Ramo Consumo*
3. *Ramo Crédito*
4. *Ramo Infraestrutura*
5. ***Ramo de Trabalho, Produção de Bens e Serviço***
6. *Ramo Saúde*
7. *Ramo Transporte*

E dentre os 7 ramos destaco o ramo de trabalho, produção de bens e serviço, especificamente pensando o cooperativismo de produção, uma vez que este se insere na proposta deste trabalho.

Neste sentido, as cooperativas do ramo de Trabalho, Produção de Bens e Serviço são formadas para prestar serviços especializados a terceiros ou produzir bens. Segundo a OCB (2019), Art. 1º:

- **Ramo Trabalho, Produção de Bens e Serviços:** composto por cooperativas que se destinam, precipuamente, a organizar, por meio da mutualidade, a prestação de serviços especializados a terceiros ou a produção em comum de bens (OCB, 2019, p.10)

Este segmento tem como objetivo a autogestão e, assim transformando os trabalhadores em donos dos meios de produção, que proporciona melhoria na qualidade do trabalho, valorização dos mesmos e sem dúvidas um melhor repasse que é a remuneração de todos associados.

No desenvolvimento de suas atividades, a cooperativa preza pela dignidade, segurança, saúde e medicina do trabalho; os associados se reúnem para melhorar as condições para exercer as atividades com maior qualidade e eficiência fazendo aquisição de tecnologias, investimento em marketing, o jurídico, financeiro, administrativo, comercial e assim desenvolvendo novas ações que beneficiam a organização em que todos estão inseridos. E por meio disso, o associado se serve da cooperativa para que seja uma alternativa de emprego e renda e tendo a oportunidade de acessar o mercado com condições similares a outros mercados (OCB 2012).

As cooperativas de produção são formadas pela associação de trabalhadores-produtores, autogestionárias, em que estes planejam, com o apoio de técnicos associados para a produção de bens e serviços para serem vendidos. Uma organização democrática e igualitária, valorizando seus sócios e, todos tendo 1 voto por pessoa, participação em assembleias-geral e todos tendo participação nas cotas do capital da cooperativa.

Um empreendimento coletivo solidário é o oposto da empresa capitalista. Nesta, os membros não têm participação nos lucros por igual na organização, além de não ser democrática e igualitária. A cooperativa solidária de produção é uma alternativa ao capitalismo (SINGER, 2002).

Neste aspecto, o empreendimento cooperativista tem a capacidade de impactar a vida de cada cooperado na geração de trabalho e renda. E colocando em prática o 5º princípio- Educação, Formação e Informação, a partir do qual é possível dar oportunidade e incentivo para que os associados saibam as vantagens da cooperativa e participem de capacitações, cursos etc. Dessa forma, faz com que o cooperado se desenvolva no seu requisito profissional e pessoal, aumentando sua autoestima ainda mais por ser valorizado na organização. No quadro 1, a seguir, é possível verificar a participação das cooperativas brasileiras na dinâmica social e econômica:

Quadro 1 - Dados de cooperativas do Brasil e o segmento do primeiro ramo (2021)

Cooperativas no Brasil

4,8 mil
Mais de 650 bilhões em ativos totais
17,1 milhões de cooperados
455 mil empregos gerados

Cooperativas de Trabalho, Produção, Bens e Serviços

180 mil estão organizados neste segmento
685 cooperativas
180.074 cooperados
8.714 empregos

Fonte: Elaborado pela autora a partir de OCB (2021).

Por meio destes dados, podemos ter uma confirmação do que já foi traçado anteriormente. No Brasil, são gerados 455 mil (quatrocentos e cinquenta e cinco) empregos por meio de empreendimento cooperativista e especificamente no segmento de trabalho, produção, bens e serviços são mais de 180 mil cooperados, 685 cooperativas e 8.714 empregos (OCB, 2012; OCB, 2021).

3.3 Cadeia produtiva

Na década de 1960 se originou, no âmbito escolar francês, escola industrial, a noção de *analyse filière*. Essa expressão em português se dá como cadeia produtiva, uma ferramenta administrativa de operações técnicas com objetivo de identificar quais os principais agentes em um determinado setor. Então, a partir desse período, os pesquisadores brasileiros passaram a utilizar este instrumento conceituado como cadeia produtiva.

Desta forma, a cadeia produtiva é um conjunto de atividades que se dá mediante a um processo de transformação da matéria-prima ao produto final, agregando valor em cada etapa ou montagem da cadeia (BATALHA; 2013; PEGLER LEE; 2009; HAGUENAUER; 2001).

O quadro 2 apresenta um modelo de cadeia produtiva:

Quadro 2 – Modelo da cadeia produtiva

1° Produção da Matéria Prima	Reúne as firmas que fornecem a matéria-prima para iniciar o processo de produção final;
2° Industrialização	Responsáveis pela transformação da matéria-prima;
3° Comercialização	Empresa/lojas que estão com contato direto com o consumidor final.

FONTE: Adaptado de Batalha (2013).

O quadro demonstra o processo de transformação da cadeia produtiva, um modelo baseado no meio de trabalho segmentado desde a produção inicial da matéria-prima, sua transformação / processamento até a comercialização.

O primeiro passo é a produção da matéria prima, sendo fornecida por terceiros (agricultores etc.) em que passa os materiais para a indústria e, sendo um importante aliado para o processo de transformação;

A indústria, por sua vez, é a mesma responsável pela transformação da matéria-prima para o produto final;

O ponto mais importante do processo de transformação é o produto já finalizado e exposto para a comercialização, que através dele se conecta com as lojas e empresas em que tem um contato direto com os consumidores. (BATALHA, 2013)

Diante disso, a cadeia produtiva é uma ferramenta em que alinha as mais diversas formas de transformações, sejam no âmbito industrial ou em qualquer que seja o meio em que está inserida no processo de transformação, dando resultados positivos para o produto final.

Sendo assim, esta ferramenta encontra em uma variedade de definições, sendo elas: uma cadeia produtiva é capaz de ser separada e ligada ao mesmo tempo com suas ações técnicas; também norteia relações comerciais entre fornecedores e clientes; valoriza seus meios de produção, conectando as operações técnicas.

4. METODOLOGIA

Este trabalho buscou analisar o processo de estruturação da cadeia produtiva do sisal, estabelecendo os limites e possibilidades para os produtores e donos de motores.

A pesquisa se caracteriza como bibliográfica, a qual, segundo Gil (2002, p.44) “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Caracterizando uma pesquisa de fácil manuseio, dando oportunidade ao leitor a ter acesso a fontes secundárias (de outros autores), assim sendo colocados diretamente com as obras, facilitando a pesquisa.

A primeira etapa da pesquisa bibliográfica foi constituída pela busca do material e pela leitura exploratória tendo como objetivo verificar textos correlatos ao recorte da pesquisa. Conforme afirma Gil (2002, p.77) “Esta é uma leitura do material bibliográfico que tem por objetivo verificar em que medida a obra consultada interessa a pesquisa”.

Na segunda etapa, foi feita a leitura seletiva dos materiais previamente selecionados, numa tentativa de refinar aqueles que realmente serviram para a análise. Portanto, “A leitura seletiva é mais profunda que a exploratória; todavia, não é definitiva” (GIL, 2002, p.78)

Portanto, a seleção dos textos se deu diante dos objetivos e da adequação ao contexto da pesquisa. Assim, excluindo os textos que não se enquadraram no delineamento da pesquisa, quer dizer, não trouxeram dados relevantes ao propósito do desenho da pesquisa.

Em fase final foi abordada, também, a leitura analítica que é o processo já com base nos textos selecionados. Segundo Gil (2022, p. 78) “a finalidade da leitura analítica é a de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitem a obtenção de respostas ao problema da pesquisa”. Sendo assim, tem a finalidade de organizar quais as ações que irão ser tomadas diante do trabalho. Para isso é necessário a utilização de quadros que possam identificar adequadamente a localização e o processo da coleta de dados. Assim sendo um quadro descritivo dos textos selecionados (Quadro 3) e um outro com aspectos do tema (Quadro 4).

Conforme citado, o presente trabalho se deu nos aspectos metodológicos expostos, tomando como lócus da busca dos textos as plataformas *Google Acadêmico* e *Scielo*. Ressalta-se que no *Google Acadêmico* buscou-se: 1) artigos científicos com

dados empíricos para a análise, recorte temporal de 2012 a 2022 e, inicialmente, utilizando as palavras chaves “cooperativa de sisal” e não sendo encontrados trabalhos com aderência. Por isso, fez-se a troca de busca para: “sisal”, “produção”, “terra”; 2) Já na Scielo foi utilizada a palavra-chave: “Sisal”, baseando-se somente no idioma Língua Portuguesa. Não utilizando idiomas de outras nacionalidades.

Além disso, foram considerados os seguintes critérios de inclusão e exclusão na leitura exploratória, seletiva e analítica dos textos:

- **Inclusão:** a) Artigos ou monografia; b) dados empíricos; c) recorte espacial – território do sisal na Bahia; d) não ter o foco somente nos aspectos referentes ao trabalhador do sisal (mutilados etc.), e) tratar do arranjo produtivo local do sisal – atores f) relações entre empregado e empregador, g) aspectos econômicos etc.
- **Exclusão:** a) Artigos somente teóricos; b) tratar apenas do trabalhador do motor de sisal; c) aspectos agrônômicos da planta sisal.

Quadro 3 - Descritivos dos textos selecionados

Base de Dados	Palavras-Chaves	Filtros	Trabalhos localizados e Datas de pesquisa	Excluídos após a leitura de título e resumo	Excluídos após a leitura completa	Selecionados
Google Acadêmico	Sisal, Produção, Terra	Artigos; qualquer tipo de texto; 2012-2022	5.090 (11/08 a 28/08/2022)	5.078	3	7
Scielo	Sisal	Idioma Português; qualquer tipo de artigos; 2012-2022	9 19/09/2022	9	0	0

FONTE: Elaboração própria, 2023.

Quadro 4 – Artigos com base no tema

Plataforma de Busca	Tipo de texto	Título	Palavras-chaves	Principais Aspectos	Resumo
Google Acadêmico	Artigo	Agentes sociais de Produção de Espaço Rural no Território do Sisal-BAHIA.	Espaço rural; Agentes sociais; Território; Produção do sisal; Organização do espaço.	Principais agentes que atuam no espaço rural do território do Sisal.	A atuação dos agentes como: latifundiários, pequenos proprietários de terra, movimentos sociais organizados, sindicatos, Estado, empresários rurais, trabalhadores rurais assalariados, posseiro, meeiros e agregados sobrepõe no território.
Google Acadêmico	Artigo	O Território do Sisal (BA) e as Condições Transformadoras das Relações de Produção do Campo.	Território; Desenvolvimento; Produção; Identidade; Financiamento.	Discutir sobre o Território de Identidade do Sisal, como as políticas voltadas para a cadeia de produção local.	A atuação baseada nas políticas públicas que ampliam o desenvolvimento sustentável do Território.
Google Acadêmico	Anais	Os Infortúnios do Trabalho: Mutilação e Movimentos dos Mutilados na Região Sisaleira da Bahia	Cadeia Produtiva do Sisal; Mutilados; Motor Aposentadorias	A luta pela aposentadoria por Invalidez	O motor de Sisal foi um causador da perda dos membros dos trabalhadores rurais, que por suas infelicidades não poderão exercer suas funções no trabalho.
Google Acadêmico	TCC	A crise da atividade sisaleira baiana e seus condicionantes	Sisal; Crise	A crise e suas viáveis alternativas	As principais mudanças decorrentes a crise do Sisal
Google Acadêmico	Livro/ impresso	Conviver com o Sertão: origem e evolução do capital social em valente/ba	APAEB; Sisal; Associativismo; cooperativismo; Desfibramento; Produtores e donos de motor	O surgimento da APAEB-Sisal depois de um crise nos preço da fibra de sisal	O livro é formado em 3 capítulos. O primeiro aborda sobre o espaço e o momento histórico e sua organização. Na segunda parte é trabalhado o desfibramento de uma experiência na área sisaleira realizada ao longo dos anos pela APAEB-valente. Terceira e última fase do livro é abordada as ações da APAEB-Valente na sustentação do modo de convivência com o semiárido

Google Acadêmico	Artigo	Arranjo Produtivo Local (APL): A Experiência no Território do Sisal Baiano	Aglomeração; Bahia; Sisal	O APL do Sisal é uma aglomeração agroindustrial, constituída por uma extensa rede de agentes econômicos, políticos e sociais, que participam da cadeia produtiva do sisal – do plantio até a industrialização.	O APL do Sisal permanece com desarticulação (e ainda sobreposição) das instituições, baixo nível produtivo e tecnológico, baixa rentabilidade da lavoura (isolada ou consorciada), baixo aproveitamento do sisal e, finalmente, elevada taxa de informalidade e trabalho precário. Utilizando dados primários e dados secundários.
Google Acadêmico	Artigo	O trabalho nos campos de sisal do município de Valente-Bahia nas décadas de 1970 e 1980	Trabalho; Sisal; Valente-Bahia	Analisa as Prática do Trabalho no Campo de Sisal	Analisa a estruturação e riscos de suas respectivas atividades

FONTE: Elaboração própria, 2023.

Sobretudo, para a análise de dados, foi utilizado um modelo de quadro (Quadro 5) que pudesse organizar de forma que melhor representasse todo o processo que os autores citam em seus respectivos textos, para assim elevar o nível do entendimento.

Quadro 5 – Modelo de dados para o capítulo 6

Texto/ Artigo	Citação	Limites para os produtores e donos de motor	Possibilidade para os produtores e donos de motor
----------------------	----------------	--	--

Por meio desse quadro foi possível extrair os dados referentes aos limites e possibilidades para os produtores e donos de motor de Sisal, baseado em seus agentes territoriais. E assim, possibilitando melhor eficiência na apuração dos dados encontrados, facilitando a interpretação.

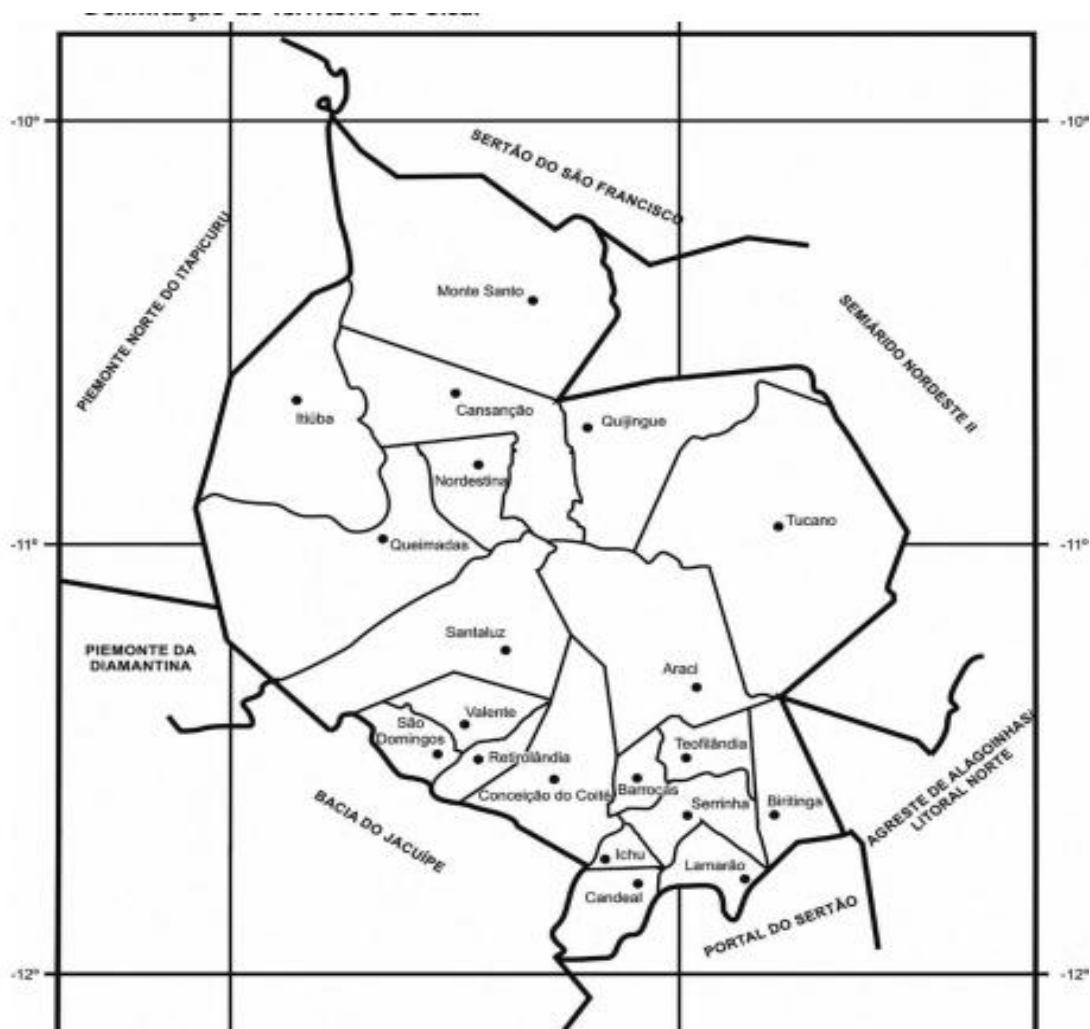
5 – ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo se refere aos objetivos específicos deste trabalho de pesquisa. No primeiro momento, se discutem os aspectos históricos da cadeia produtiva do sisal no Território do Sisal - BA. No segundo momento, serão apresentados alguns limites e possibilidades para os produtores e donos de motor de Sisal identificados nos textos selecionados e analisados.

Originalmente, esta localidade era conhecida como região sisaleira, porém, a partir de 2003, com a criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável (CNDRS) pelo Estado Brasileiro, passa a ser identificada como Território do Sisal. A constituição de territórios rurais refere-se à adoção da política de desenvolvimento territorial, a partir do primeiro governo Lula, buscando integrar políticas e fomentar processos políticos, sociais e econômicos para alavancar a dinâmica de desenvolvimento (SILVA, 2015).

O território do Sisal fica localizado no semiárido baiano e abarca 20 municípios (Figura 2), sendo eles: Araci, Barrocas, Biritinga, Candeal, Cansanção, Conceição do Coité, Ichu, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Queimadas, Retirolândia, São Domingos, Quijique, Nordestina, Santaluz, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente. Totalizando uma área de 3,6% do território baiano.

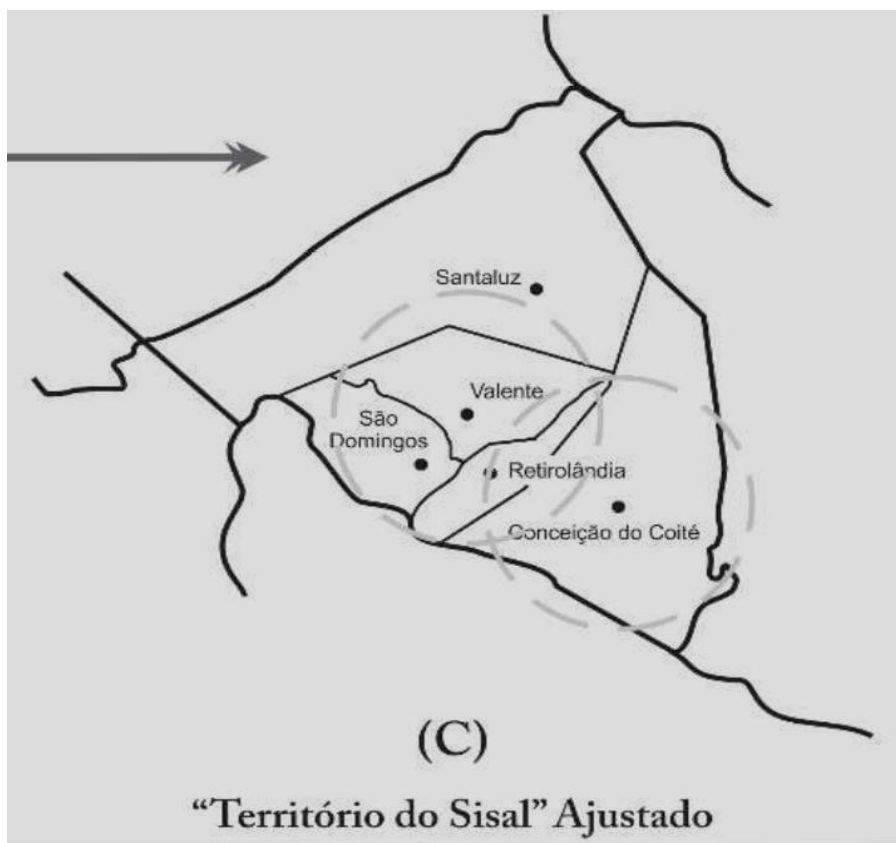
Figura 1 *Delimitação do Território do Sisal-BA*



FONTE: Silva (2012); Silva e Ortega (2015a)

Embora o nome do território expresse a identidade com a produção do sisal, houve, ao longo das décadas, uma diminuição significativa da produção local nos municípios. Assim, atualmente, no âmbito do arranjo produtivo local e de estruturação da cadeia produtiva, a produção está concentrada em cinco (5) municípios, sendo eles: Conceição do Coité (Ba), Santaluz (Ba), São Domingos (Ba), Retirolândia (Ba) e Valente (Ba). A figura 3 demonstra o novo ajuste territorial naquilo que se refere diretamente a potencialidade de participação na cadeia produtiva do sisal, para além da relação histórica constituída por outros municípios que tiveram sua dinâmica econômica ressignificada nas últimas décadas. Quer dizer, o que Silva e Ortega (2015b) chamaram de novo ajuste territorial tem a ver com a dimensão produtiva do sisal, não com a dimensão identitária construída historicamente.

Figura 2: Novo Ajuste Territorial



Fonte: Silva (2012; 2013); Silva e Ortega (2015a, 2015b).

Segundo Silva e Ortega (2015b):

O fato é que dos vinte municípios do atual Território do Sisal [...], somente dez proporcionam algum tipo de identidade com outros municípios do território. Isso quer dizer que a outra metade dos municípios está arbitrariamente participando de um território em que o “tecido social” articula-se em torno de interesses diferentes e/ou divergentes dos seus. (2015b, p.174)

Em geral, os territórios formados e induzidos por políticas públicas – como o Território do Sisal – são geograficamente grandes, socialmente desconexos, culturalmente antagônicos, politicamente desalinhados e, por isso, economicamente diferentes. Logo, dificuldades no recorte territorial geram intensos conflitos de poder em torno do pacto territorial. Em termos práticos, o pacto territorial torna-se lócus de inúmeros conflitos de poder entre as várias identidades que disputam os limites territoriais. Ou seja, cada identidade pleiteia seus interesses, contesta os interesses das outras identidades e demandará cada vez mais recursos (apenas) para seus interesses. (2015b, p.174)

Diante desse fato, os municípios do território não estão conectados com a mesma intensidade e, assim ocasionando interesses divergentes para com o todo, politicamente falando. Ou seja, o território do sisal não tem uma identidade em comum articulada com os municípios que nele estão inseridos, a exemplo:

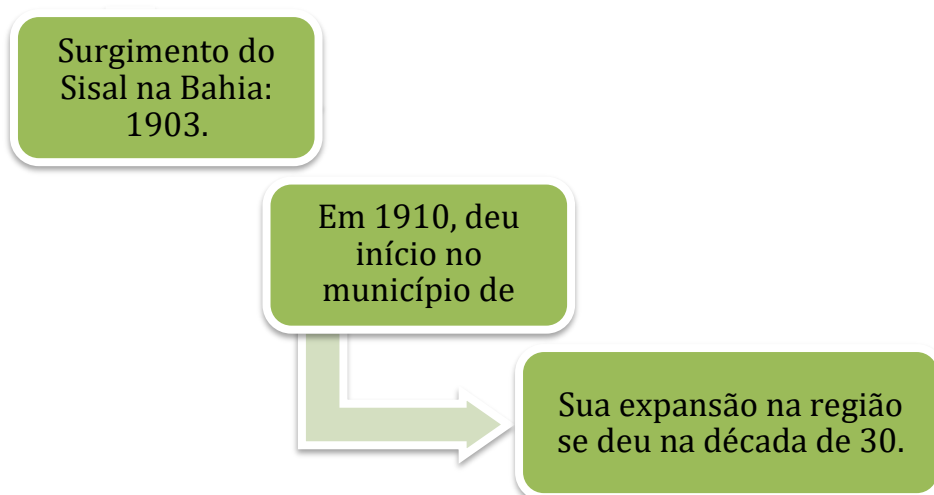
Os municípios de Monte Santo, Itiúba, Quijingue e Tucano não possuem qualquer ponto de convergência de identidade em comum ou de territorialidade com os demais municípios do atual Território do Sisal. Estes municípios precisam ser redistribuídos para outros Territórios de Identidade da Bahia. Já os municípios de Araci, Cansanção, Candeal, Ichu, Nordestina e Queimadas até proporcionam alguns pontos de identidade em comum com os demais municípios do atual Território do Sisal, mas não o suficiente para estabelecer uma territorialidade com solidez e envergadura capaz de detonar um projeto de desenvolvimento social e econômico incluyente (SILVA e ORTEGA, 2015b, p.174).

Portanto, a falta de conexão entre eles causa sempre impactos econômicos e sociais. Pois, é notável que só buscam se articular quando o interesse é para um lado fazendo com o que cada município tenha um desenvolvimento diferente das demais, uma desigualdade socioeconômica. Apesar disso, eles são dinâmicos e complexos. (SILVA e ORTEGA, 2015)

5.1. Aspectos Históricos

Assim, com base na Figura 3, a seguir, apresentamos uma linha do tempo que remete a chegada da planta Sisal (agave) na Bahia e sua expansão (PORTAL EMBRAPA, 2021).

Figura 3: Histórico do sisal no estado da Bahia.



Fonte: Elaboração da autora a partir do Portal Embrapa (2021).

O Sisal (*Agave Sisalana*) é uma planta originária da América Central e do México, ela cresce em países tropicais.

Originária do México, no Brasil, a planta é localizada no semiárido do país e seus principais lugares produtores são a Paraíba e a Bahia. Em particular, na Bahia, a planta chegou no final da década de 1930 e atualmente o Brasil é o maior produtor de sisal do mundo, sendo a Bahia responsável por 90% da produção de fios de fibra de sisal. No território, o primeiro município a ser beneficiado pela planta foi Santaluz.

As lavouras de sisal carregam o estigma de sua relação com processos de exploração dos trabalhadores e desrespeito às leis trabalhistas. Afinal, conforme Nascimento (2003, p.39):

A exploração da lavoura do sisal no Brasil, onde quer que tenha ocorrido, teve como traço marcante o desrespeito à legislação trabalhista vigente, em especial, na fase de colheita, onde havia o maior número de trabalhadores empregados, sem carteira assinada e com baixa remuneração (NASCIMENTO, 2003, p.39)

Segundo Santos *et al.* (2017, p. 5)

O proprietário da terra também era proprietário do motor de sisal e organizava o processo produtivo. Com o tempo, ocorre uma mudança significativa que forja uma nova relação entre os proprietários dos campos de sisal e os trabalhadores, ou seja, tem início a sublocação do campo de sisal. Na sublocação, o proprietário da terra combina com um terceiro (normalmente o dono do motor de sisal) um percentual fixo dos rendimentos a serem obtidos e deixa sob responsabilidade desse terceiro a contratação dos outros trabalhadores. Isso sempre isenta o proprietário da terra e do campo de sisal de qualquer responsabilidade trabalhista (SANTOS *et al.* 2017, p. 5).

A cadeia produtiva do sisal foi se estruturando e se apoiou no fortalecimento das desigualdades sociais e concentração de riqueza e poder na região. Desse modo,

A riqueza acumulada, já fortemente concentrada nas mãos de uma pequena elite, impulsiona novas ações de ampliação da indústria e do poder político através da eleição de prefeitos, vinculados diretamente à empresa do sisal. Nesse período, o cultivo do sisal tornou-se a referência econômica de um conjunto de municípios que passaram a constituir a Região Sisaleira da Bahia. No entanto, a produção foi estruturada com características peculiares como: • baixo nível tecnológico envolvido em todo o processo produtivo do sisal (plantio, colheita, desfibramento e beneficiamento); • subaproveitamento do produto (apenas a fibra, equivalente a 5% do potencial da planta); • geração de um excedente desigualmente distribuído; • intensa exploração do trabalhador, principalmente em função da informalidade e da constituição da figura do “dono do motor”. (SANTOS *et al.*, 2017, p.8)

Como já destacado, a Bahia foi o maior exportador na época, reflexo desse processo de estruturação,

Vendendo em dólar para empresas estrangeiras e mantendo o preço do quilo da fibra a um nível suficiente para remunerar o proprietário da plantação e o comerciante de sisal, os empresários ampliaram fortemente a infraestrutura industrial. No entanto, pagava-se ao dono do motor, um preço miserável pelo quilo de fibra, o que contribuiu para a construção do discurso que defendia não ser possível remunerar adequadamente os milhares de trabalhadores. (SANTOS *et al.* 2017, p. 8)

Portanto, a cadeia produtiva do sisal se estruturou nas mãos dos grandes donos de terra e poder local, conforme destacam Santos *et al.*:

O processo produtivo do sisal já nasce utilizando a terra concentrada nas mãos de poucos; esse meio de produção, fundamental, condiciona a forma como o processo produtivo é organizado. É importante destacar que nesse período havia muita terra disponível que foi utilizada para ampliar os sisalais. A implementação do cultivo comercial começa a gerar emprego, ou seja, era preciso ensinar aos trabalhadores a usarem as máquinas, a cuidar dos campos e a fazerem o primeiro beneficiamento que ocorre, até hoje, totalmente na zona rural. O trabalho foi rapidamente aprendido e passou a exigir pouca qualificação' (2017, p. 5).

É importante destacar que, antes, o motor de sisal era de propriedade dos donos do terreno, mas com o passar dos anos essa delimitação foi completamente desestruturada, dando oportunidade para os trabalhadores. De acordo com Santos *et al.*

No início desse período, o proprietário da terra também era proprietário do motor de sisal e organizava o processo produtivo. Com o tempo, ocorre uma mudança significativa que forja uma nova relação entre os proprietários dos campos de sisal e os trabalhadores, ou seja, tem início a sublocação do campo de sisal (2017, p. 10)

O proprietário da terra combina com o dono do motor de sisal, sem contrato prévio, boca a boca, uma porcentagem em cima da lavoura de sisal a ser tirada e, também deixando por conta do dono do motor a contratação de outros trabalhadores. Observando que esse contrato não é fixo e, sim, boca a boca. A responsabilidade que deveria ser do proprietário do terreno passa a ser do proprietário do motor. Portanto,

Na sublocação, o proprietário da terra combina com um terceiro (normalmente o dono do motor de sisal) um percentual fixo dos rendimentos a serem obtidos e deixa sob responsabilidade desse terceiro a contratação dos outros

trabalhadores. Isso sempre isenta o proprietário da terra e do campo de sisal de qualquer responsabilidade trabalhista (SANTOS, 2017, p. 9).

É notável, que em seu aspecto histórico, o motor de sisal caracteriza uma exploração da força do trabalho humano, com baixa remuneração. Em seu processo de mudança da matéria-prima (campo), transformada no produto final e para a sua comercialização, é vendida em dólar e convertida em reais fica um valor bem pago. Porém, é através dos atravessadores que os produtos são vendidos em um valor alto e, dessa forma os produtores e donos de motor não tem direito na parte final das vendas, pois já passou a matéria-prima (fibra) por um preço baixo. Sendo uma produção fortemente centrada nas mãos da elite.

5.2 Cadeia produtiva do sisal

A cadeia produtiva é segmentada por um conjunto de atividades: matéria prima, produto e comercialização (BATALHA, 2001)

Neste sentido, o quadro 6 apresenta as etapas da produção de sisal:

Quadro 6: Etapas da produção do sisal

Autor	Etapas
(SILVA, 2018)	O primeiro corte é realizado aos três ou quatros anos após o plantio; a primeira etapa do processo consiste no corte periódico através de um instrumento adequado; seu ciclo varia de 8 a 10 anos;
	O desfibramento do sisal consiste na separação da polpa mediante a raspagem mecânica das folhas, através de rotor raspadores acionados por um motor diesel ou elétrico. Mas conhecida como motor de Sisal

Fonte: Elaborado pela autora com base em Silva (2018).

O processo de transformação da cadeia produtiva do sisal e a força de trabalho envolvida estão relacionadas a cada uma das fases: plantio; colheita; desfibramento (motor); secagem; batedeiras; indústria.

Para que a folha do Sisal esteja apta para a colheita é necessário ter uma base de 36 meses, tendo um ciclo mediano de 8 a 10 anos. O corte da planta consiste em um determinado número de folhas e, para isto, utiliza-se o uso manual de uma faca e, assim sendo, um instrumento adequado para a sua espessura. Logo em seguida, há

o transporte das folhas já cortadas. Para o transporte, geralmente é o jegue. Neste setor é bastante utilizado o jumento com as cangalhas com cambitos (ganchos tipo v, de madeira), no qual são colocadas as folhas. O animal é necessário para a viagem até a desfibradora (motor).

O desfibramento é um processo de suma importância na cadeia produtiva, pois a partir dele se retira a polpa das folhas, transformando-as em fibras, com uma raspagem mecânica. Antes da tecnologia do motor de sisal, a forma que utilizavam era o farrancho ou alicate, manualmente, um processamento muito rudimentar, baseado na raspagem por meio de uma lâmina de ferro. (SILVA *et.al*, 2008)

Atividades que exigem bastante esforço do trabalhador desde o plantio ao seu último processo no campo. A seguir, no Quadro 7, apresentamos as etapas de produção e processamento inicial do sisal no âmbito das unidades produtivas (roça/campo).

Quadro 7: Divisão e função das atividades da produção do desfibramento- campo

Cortador	Aquele que corta a palha
Cambiteiro- (botador de palha)	Que recolhe a palha
Puxador	O que alimenta a máquina com a palha (motor)
Banqueiro (faz duas funções)	Abastece o puxador; pesa as fibras e recolhe os resíduos
Lavadeiras (estenderia)	Que leva a fibra para secar no campo

Fonte: Adaptado do Plano de desenvolvimento do APL do Sisal da Bahia (2007).

Cada função no seu processo de transformação é essencial para a sua cadeia de produção, com o cansaço e esforço físico que cada função exige dos trabalhadores envolvidos.

A primeira fase do beneficiamento é a extração da fibra. O processo de descorticação é realizado ainda no campo, através de máquinas desfibradoras ou descorticadoras, sendo a mais utilizada o "motor paraibano". Sua alimentação é feita manualmente.

A segunda fase do beneficiamento é a secagem. A fibra úmida é transportada para um terreno provido de estaleiros para secagem. O secador é geralmente feito com uma armação de madeira ou de varas de bambu, providas com 1 a 4 fios de arame galvanizado, de modo que as fibras sejam espalhadas para receber, igualmente, os raios solares. Esse processo de secagem ao sol pode

ser feito em apenas um dia. Porém, a ação dos ventos sobre as fibras faz com que elas fiquem emaranhadas e torcidas.

A terceira fase, o beneficiamento, é a limpeza da fibra seca. Esse processo é conhecido por "batida ou escovamento", por meio do qual é possível retirar os restos de polpa aderentes. Essa operação é realizada pelas bateadeiras. As bateadeiras são máquinas de concepção semelhante à das desfibradeiras, com tambor rotativo de aproximadamente 0,60 m e de seis lâminas planas de 5 cm de largura, cujo tambor gira em sentido contrário ao da desfibradora, numa velocidade de 200 rpm.

A fibra do sisal, beneficiada ou industrializada, rende cerca de 80 milhões de dólares em divisas para o Brasil, gerando cerca de 500 mil empregos diretos entre os diversos elos da sua cadeia produtiva. Esta cadeia começa com as atividades de manutenção das lavouras, colheita, desfibramento e beneficiamento da fibra e termina com a industrialização e confecção do artesanato. (SECTI, 2007, p.7)

As Figuras 4, 5, 6 e 7 seguintes ilustram parte do processo descrito:

Figura 4: Sisal (Agave)



Figura 5: Corte das folhas.



Fonte: Silva *et al*, 2019.

Figura 6: O Transporte das palhas até o motor



Fonte: Silva *et al*, 2019

Figura 7: Motor do Sisal



Fonte: Silva *et al*, 2019

Portanto, a cadeia produtiva do sisal vai agregando valor à matéria-prima à medida que passa por cada etapa de processamento até chegar a fase de industrialização.

Nas bateadeiras, um tambor rotativo com 5 lâminas, são beneficiadas as fibras já secas e, após o batimento é feita a seleção das fibras. Depois de escovadas as fibras são adicionadas em fardos para o transporte até a indústria. (Silva *et al*, 2019)

A parte de comercialização da fibra é realizada por uma cadeia de intermediários desde o início até a sua industrialização. No geral, o produtor negocia a sua lavoura com o dono de motor e não se beneficiando no ciclo final, mas, para isto é viável ao produtor e dono de motor se organizar em grupos, como, cooperativas e associações e, assim proceder valor ao beneficiamento da fibra para obter melhores preços na entrega da produção (SANTOS, 2017).

5.3 Limites e possibilidade para os produtores e donos de motor de Sisal

A Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira Valente- BA (APAEB Valente) tem sido historicamente a principal agente na cadeia produtiva do sisal no território. Dessa maneira, a discussão sobre quais os limites e

possibilidades apresentados para os produtores e donos de motor em sua contextualização histórica da cadeia também perpassa pela atuação da APAEB - Valente no território e na dinâmica da cadeia produtiva do sisal (Figura 9).

Figura 8: Agente impactante da Cadeia produtiva do Sisal



Elaborado pela autora, em 2023.

A APAEB teve início em 02 de julho de 1982, como a ideia alternativa ao cooperativismo, que defendesse os interesses econômicos, sociais e políticos dos pequenos agricultores do território, fortalecendo o desenvolvimento local.

A APAEB funcionaria de forma híbrida, como uma associação e como uma cooperativa, porque foi concebida para exercer o papel político, social e econômico simultaneamente, investindo em cidadania ativa, na reestruturação da pequena propriedade rural e na elevação do padrão de vida o agricultor sertanejo (NASCIMENTO, 2013, p. 50)

O Movimento de Organização Comunitária (MOC) prestou assessoria e apoio para a criação da associação, a qual também foi credenciada junto ao Ministério da Fazenda para desempenhar atividades comerciais, um fato incomum para uma associação civil, pelo seu caráter de não comercializar os produtos de suas atividades quando comparadas a uma cooperativa.

A forma híbrida indicada por Nascimento (2013) está relacionada às seguintes características: como associação, ela iria fortalecer os objetivos em comum e a integração dos membros e, como cooperativa reforçaria o caráter gerencial-produtivo, comercialização, apoio e a valorização da Agricultura Familiar.

Por este fato, a APAEB é caracterizada como uma associação que fortalece os associados e a sua estrutura é de cooperativa de produção que exerce o papel da comercialização.

Podia ser sócio da APAEB os agricultores familiares ou os trabalhadores rurais, sejam eles pequenos proprietários do motor de Sisal ou empregados do dono do motor de sisal, enfim, todos aqueles que mantivesse o vínculo com a terra como atividade- ocupação principal. (NASCIMENTO, 2013, p. 50)

A APAEB foi e é um patrimônio cultural do Território do Sisal e do município de Valente - Bahia, por proporcionar o fortalecimento dos agricultores e produtores de donos de motor de sisal, que por meio dela tiveram a valorização do produto da fibra do sisal e fortalecimento do preço.

A bateadeira solidária foi de suma importância para o crescimento dessa cadeia produtiva, com ela foi capaz de ampliar e agregar valor.

Ao iniciar as atividades da Bateadeira Comunitária de Sisal (beneficamente e enfardamento), entre 1984-1985, a APAEB- Valente sentiu fortemente a reação dos compradores e negociadores tradicionais e, sobretudo, dos próprios pequenos produtores locais às suas intenções. Se pelo lado dos pequenos produtores houve uma insatisfação inicial com a Bateadeira da APAEB, que mantinha a classificação da fibra seca como determinante de preço e qualidade, pelo lado do comprador tradicional houve um relaxamento no processo de classificação com a intenção de atrair os produtores insatisfeitos com a política de valorização do sisal iniciada pela associação. (NASCIMENTO, 2003, p.75)

Esses compradores tradicionais (atravessadores) pegavam a matéria-prima por um preço baixo e faziam com que os agricultores não tivessem alternativa de negociação favorável, isto é, um preço justo. A partir da constituição da associação, pode-se dizer que houve uma busca por preços mais justos e valorização da força de trabalho.

Os atravessadores alegavam que não havia benefício algum nas ações da APAEB-Valente, já que eles pagavam quase o mesmo preço da matéria *in natura*. Isto sem dúvidas era um engano para os produtores, sendo que eles só estavam alterando o valor provisoriamente.

A associação presta assistência técnica para os produtores de Sisal e, portanto, assim leva-os a entender a importância da associação para a agregação de valor para a fibra de sisal, ampliar a qualidade em sua matéria prima e se tornando eficiente na produção.

Para o crescimento da comercialização dos produtos da fibra era importante ir em busca de alternativas. A exportação era uma alternativa viável e para isso era necessária uma infraestrutura adequada para a criação do plano de exportação, obtenção da licença para exportar e também um volume de produção suficiente para atender ao mercado, capital de giro para a implantação desse novo ajuste. Era algo que a associação não tinha no período. (NASCIMENTO, 2013)

Após cinco anos, conseguiu a licença por meio da Câmara do Sisal (CACEX) e fez a sua primeira exportação para Portugal no ano de 1989. Para a obtenção de capital de giro foi necessário a implementação de um tipo de caixa- poupança:

Para garantir a solvência financeira da atividade com o sisal, a associação criou mecanismo para captar recursos financeiros, uma espécie de “caderneta de poupança” totalmente informal que, primeiro, servisse para a formação de capital de giro da Batedeira Comunitária e, segundo, servisse para os agricultores e demais pessoas depositarem pequenas quantias “a hora que quisessem”, tendo acesso aos seus recursos no momento que melhor conviesse (NASCIMENTO, 2003, p.78).

A APAEB- Valente atua como um condicionante e, tendo um papel importante para a comercialização da fibra, que é comprada dos produtores de sisal, sendo repassada para os donos de motor e desta forma fortalecendo o sistema produtivo da cadeia do sisal e, também sendo um bom articulador com ações governamentais para que possam surgir novas tecnologias neste processo de transformação.

As discussões evidenciadas, anteriormente, explicitam que as categorias dos produtores, donos de motor e seus trabalhadores representam grupos de trabalhadores com visão por vezes individualista, em que podem apenas exercer sua função no processo de transformação da matéria-prima, sem vinculação direta com uma organização social ou movimento de organização da própria categoria.

Por outro lado, as sociedades cooperativistas são um tipo de organização capaz de potencializar e articular esse grupo de trabalhadores no setor sisaleiro. As cooperativas de produção, já citadas, representam um ramo capaz de organizar estas pessoas. Por meio delas, o desenvolvimento em conjunto faz com que estes produtores e donos de motor sejam participantes de empreendimentos solidários, uma alternativa que se apresenta importante para eles. O que, obviamente, exigirá novos estudos para entender a percepção desses trabalhadores sobre seu lugar na cadeia produtiva, nível de consciência política e de classe ou mesmo sentido estratégico quanto a realidade vivida ou necessidades de mudança.

De todo modo, nessa dinâmica, entendemos a importância do 5º princípio do cooperativismo relacionado a educação, formação e informação, pois são aspectos cruciais para os trabalhadores se compreenderem enquanto sujeitos sociais, históricos e, portanto, entenderem como se dão as relações sociais de produção na cadeia produtiva do sisal e o lugar deles nessa dinâmica. Nesse sentido, qualquer que seja a remodelagem organizacional na cadeia produtiva não deve se dar por

imposição externa ou como solução mecânica, mas uma construção endógena de reconhecimento de papéis, ganhos e perdas, assim como possibilidades de potencialização e valorização do trabalho humano, através das práticas associativas e cooperativistas.

A seguir, são apresentados os quadros com os dados extraídos dos textos e sistematizados, no tocante aos limites e possibilidades que têm sido identificados na cadeia produtiva do sisal.

Quadro 8: Limites identificados.

Artigo	Limites
Secretaria de Ciência Tecnologia e Inovação- SECTI, Bahia, 2007.	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de limpeza no campo; • Inexistência de consorciamento com outras culturas; • Corte inadequado das folhas; • Baixo aproveitamento dos resíduos (suco, mucilagem, compósito com fibras sintéticas); • Baixa produtividade (aproveitamento de 3% a 4% da fibra como produto principal); • Precária organização da cadeia produtiva
	<ul style="list-style-type: none"> • Técnica relativa a manejo e trato cultural. • Processo de classificação das fibras (melhorar o aproveitamento das fibras), a partir do estabelecimento de processo de classificação controlado. • Estabelecer melhor aproveitamento das fibras pequenas de sisal, que atualmente são descartadas e/ou vendidas a um preço muito baixo das fibras de maior tamanho, sendo denominadas no mercado internacional como Garbage Brazil, produto de segunda qualidade.
	<ul style="list-style-type: none"> • Baixa convergência e defasagem tecnológica; • Dificuldade na transferência tecnológica: ineficiente, pois é individualizada e não chega ao pequeno produtor; • Dispersão de ações em prol da difusão tecnológica (várias frentes e várias instituições desenvolvem ações tecnológicas de forma isolada).
	<ul style="list-style-type: none"> • Atenuar ou eliminar a emissão de resíduos tóxicos no processo produtivo, a partir da atualização tecnológica dos pequenos produtores <p>Estrutura de produção, distribuição, comercialização e industrialização na região sisaleira da Bahia deficientes.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Verificação dos riscos e incertezas da atividade sisaleira.

Fonte: Elaborado pela autora (2007)

Quadro 9: Possibilidades identificadas.

Artigo	Possibilidades
Secretária de Ciência Tecnologia e Inovação- SECTI, Bahia, 2007.	<ul style="list-style-type: none"> • Grande potencial para o associativismo, empreendedorismo, cooperativismo; • Possibilidade de grandes incrementos na produtividade e ganhos econômicos, a partir da difusão e convergência tecnológica; • Fortalecer e aumentar o associativismo no uso da tecnologia; • Desenvolvimento e transferência de tecnologia através de alianças e parcerias estratégicas.
	<ul style="list-style-type: none"> • Diversificação da produção com novos usos para a fibra e aproveitamento dos subprodutos. • Estabelecer processos técnicos padrões, economicamente viáveis para todas as possibilidades de aproveitamento e agroindustrialização dos subprodutos do sisal, com destaque para: i) utilização do suco do sisal, como herbicida e bio-inseticidas, e que também é simplesmente jogado fora pelos produtores de sisal; ii) adaptar o talo do sisal como substrato para plantação de cogumelo comestível para o homem, produto de grande valor e demanda no Brasil e posterior utilização do subproduto como ração para caprinos e bovinos; iii) utilização na indústria de fármacos (sabonete), bebidas (cachaça) e ração animal; • Possibilidade de ampla expansão na utilização e consumo do sisal no mercado interno.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Quadro 10: Possibilidades identificadas.

Artigo	Possibilidades
Nascimento, 2013, p.107.	Incentivo e difusão do uso de coletores solares para iluminação doméstica e para eletrificação de cercas criatórios de caprinos e ovinos, melhorando a infraestrutura socioeconômica;
	Ensino e aprendizagem de técnicas que permitam melhorar o rendimento da propriedade rural, promoção de cursos, eventos, encontros de lideranças e divulgação constante de informações, fomentando a coesão social;
	Estímulo a participação da sociedade civil na criação de conselhos municipais, fóruns de discussões, reuniões e seminários, promovendo a cidadania ativa;
	Incentivo à regeneração do ecossistema através do reflorestamento e da preservação da fauna e da flora típica do sertão, preservando os recursos naturais;
	Garantia de ensino fundamental aliado ao ensino técnico em cultura de criatórios de animais e outros experimentos através de Escola Família

	Agrícola (EFA), dando suporte ao autodesenvolvimento;
	Proveito e apropriação de conhecimento a respeito da caprino-ovinocultura e da cadeia produtiva do leite-carne-couro, criando mecanismos de geração de ocupação-renda; Implantação de fundo rotativo, utilização de crédito rural e garantia de investimentos (cooperativas de crédito) para financiar a pequena propriedade rural ou a ocupação agrícola e não-agrícola, permitindo a redistribuição da renda

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Por meio destes quadros, são notáveis os limites em que os produtores e donos de motor de sisal estão inseridos, assim como suas possibilidades. Os limites que se colocam referem-se ao manejo e ao trato da planta (*Agave*) com técnicas avançadas que não tenham perdas desnecessárias e o melhor aproveitamento das fibras, controlando as perdas. Dessa forma, poderia estabelecer o aproveitamento das fibras em que são descartadas em grandes escalas, pois as fibras que não tem o tamanho adequado são descartadas e não sendo reutilizadas e assim causando prejuízo na produção. Esses aspectos indicam, em certa medida, a necessidade de maior organização e investimento tecnológico na cadeia produtiva do sisal.

No entanto, as possibilidades para os produtores e donos de motor são o potencial do cooperativismo e o associativismo que tem vantagens que podem suprir as necessidades dessa cadeia.

Por meio deste fortalecimento da rede, do associativismo e cooperativismo, os produtores e donos de motores podem se assegurar através dessas entidades que valorizam a força do trabalho humano e ainda podem possibilitar apoio em situações de vulnerabilidades em que o trabalhador não pode exercer sua função.

Em linhas gerais, a superação dos limites e a potencialização das fortalezas no contexto do território do Sisal poderiam garantir o fortalecimento de empregos e renda no território, a valorização da produção local e os ganhos dos trabalhadores envolvidos na cadeia produtiva do sisal.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar o processo de estruturação da cadeia produtiva do Sisal no território, estabelecendo os limites e possibilidades para os produtores e donos de motores. Como resultado desta pesquisa foi notório perceber que ações voltadas para a APAEB – Valente, agente responsável por articular os produtores e donos de motor de sisal, possibilitam meios para o desenvolvimento sustentável, econômico e social do território.

Todavia, nota-se, também, que a APAEB - Valente é limitada e sendo condicionada ao passado, assim apesar da atuação desta organização, a fibra do Sisal muitas vezes cai o seu valor. Além disso, pesquisas mostram como o trabalho nesta cadeia precisa de um olhar mais humano porque ainda há casos de trabalhos escravos envolvendo esta produção. Isto mostra que não é necessária somente a valorização do processo de transformação desta cadeia, como também a valorização dos trabalhadores vinculados a essa prática produtiva como meio de sobrevivência.

Para Nascimento (2013), podiam se associar à APAEB trabalhadores rurais, proprietários do motor de sisal e empregados do dono do motor, mas que a associação foi inserida de maneira não informativa e dessa forma não sendo aceita, inicialmente, mas que com o passar dos tempos perceberam que a APAEB seria um grande aliado para a comercialização das fibras.

Estudos futuros podem auxiliar e estabelecer a compreensão de como este público-alvo está organizado e os impactos atuais dos agentes condicionantes do território na ampliação de políticas públicas e desenvolvimento econômico local com a cultura do sisal. Além da criação de núcleos de pesquisas de sisal e, assim, promovendo o desenvolvimento deste segmento e estudos com os produtores, donos de motor e trabalhadores desta cadeia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Odete; SANTIAGO, Eduardo Girão; LIMA, Antonio Renan Moreira. **Diagnóstico socioeconômico do setor sisaleiro do Nordeste brasileiro**. Banco do Nordeste do Brasil SA, 2005.

BRASIL. **Lei n. 5.764/71**, de 16 de dezembro de 1971. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 de dez. 1976.

CASTRO, Antônio Maria Gomes de; LIMA, Suzana Maria Valle; CRISTO, Carlos Manuel Pedroso Neves. **Cadeia produtiva: marco conceitual para apoiar a prospecção tecnológica**. XXII Simpósio de Gestão e Inovação Tecnológica. Salvador, 2002.

HAGUENAUER, Lia et al. **Evolução das cadeias produtivas brasileiras na década de 90**. 2001.

LÜCHMANN, L. H. H. **Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos**. Revista Brasileira De Ciências Sociais, 29(85), 159–178, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000200011>

LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn; SCHAEFER, Márcia Inês; NICOLETTI, André Selayaran. **Associativismo e repertórios de ação político-institucional**. Opinião Pública, v. 23, p. 361-396, 2017.

NASCIMENTO, Cassiano Ferreira. **Os infortúnios do trabalho: mutilação e movimento dos mutilados na região sisaleira da Bahia**. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, ANPUH. Natal-RN, de, v. 22, p. 2.

NASCIMENTO, Cassiano Ferreira. **O trabalho nos campos de Sisal do município de Valente-Bahia nas décadas de 1970 e 1980**. Revista Eletrônica História em Reflexão, v. 10, n. 20, p. 38-57, 2016.

NASCIMENTO, Humberto. **Conviver com o Sertão**. São Paulo: Annablume, 2003.

REGINO, F. A. **TECENDO A FIBRA DA DEMOCRACIA NO SERTÃO: uma análise das ações políticas da associação de desenvolvimento sustentável e solidário da Região Sisaleira- APAEB-Valente-Ba**. [s.l.] Universidade Federal da Bahia, 2007.

SALANEK, P. F. **Capital social e cooperativismo agropecuário no processo de desenvolvimento sustentável local: uma avaliação da região de atuação da Cooperativa Copacol**. [s.l.] UNIFAE, 2007.

SANTOS, E. M. C.; SILVA, O. A. da. **SISAL NA BAHIA - BRASIL**. Mercator, v. 16, n. 12, p. 1–13, 2017.

SANTOS, E. M. C.; SILVA, O. A. da . **AGENTES SOCIAIS DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL NO TERRITÓRIO DO SISAL – BAHIA**. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 5, n. 9, p. 71-88, fev., 2010.

SILVA, Filipe. **A Crise Do Pacto Territorial: Os Efeitos Das Políticas Públicas Territoriais Rurais No Território Do Sisal**. 2016.

SILVA, F. P. M. DA; ORTEGA, A. C.; BOTELHO, M. DOS R. A. **ARRANJO PRODUTIVO LOCAL (APL): A EXPERIÊNCIA NO TERRITÓRIO DO SISAL NA BAHIA**. RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico, v. 1, n. 39, p. 523, 2016.

SILVA, L. E. C.; SANTOS, A. R. dos. **O TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DO SISAL (BA) E AS CONDICIONANTES TRANSFORMADORAS DAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO NO CAMPO: POLÍTICA DE CRÉDITO E PARTICIPAÇÃO COLEGIADA**. Revista Pegada–vol. 20, n.3. 40-62 Setembro-Dezembro/2019.

SILVA, Onildo Araújo da. **Agentes sociais de produção do espaço rural no território do sisal–Bahia**. Campo-Território: revista de geografia agrária, v. 5, n. 9, p. 71-88, 2010.

SILVA, Marly Coutinho da. **A crise da atividade sisaleira baiana e seus condicionantes**. 2019.

SILVA, O.R.R.F.; CARTAXO, W.V.; GONDIM, T.M. de S.; ARAÚJO, A.E. de; SILVA, C. A.D. da. **A cadeia produtiva do Sisal no Nordeste brasileiro**. <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/1118787.2019>.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **Experiências da prática associativa no Brasil (1860-1880)**. Topoi (Rio de Janeiro), v. 9, p. 117-136, 2008.

SISTEMA OCB. **Anuário do Cooperativismo Brasileiro-Ramos**. Brasília- DF. 2019. Edição 2021, produzido pela (OCB)

SOARES, José Hildemarcio Mendes; DE ARRUDA, Danilo Raimundo; AMARANTE, Patrícia Araújo. **Transformações tecnológicas e econômicas do sisal no Nordeste do Brasil**. Research, Society and Development, v. 11, n. 5, p.e15611527847-e15611527847, 2022.

VILELA, K.; BARBOSA, R. **Associativismo, cooperativismo, responsabilidade social e desenvolvimento local: um estudo de caso na agricultura familiar**. [s.l.: s.n.].

SILVA, Monika Weronika Dowbor da. **Possibilidades e limites do cooperativismo pelo prisma de entidades de representação das cooperativas: uma análise comparativa entre a Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo (OCESP) e a União e Solidariedade das Cooperativas e Empreendimentos de Economia Social do Brasil (UNISOL/Brasil)**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ANEXOS

ANEXO A - O trabalho no Motor - Renata Goes (2011)



QR Code de acesso ao vídeo: